



A patrimonialização de São Luiz do Paraitinga: a refuncionalização turística e a preservação do patrimônio cultural

The heritagisation São Luiz do Paraitinga: the tourist refuncionalization and the preservation of cultural heritage

Carlos Murilo Prado Santos¹

¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Instituto Taubaté de Ensino Superior (ITES), Taubaté, São Paulo, Brasil. E-mail: muriloslp@gmail.com.br

RESUMO

Com base em uma leitura espacial, foi feita uma análise do processo de refuncionalização turística que vem se dando no centro urbano de São Luiz do Paraitinga - uma pequena cidade localizada no Vale do Paraíba do Sul paulista e que preserva um significativo patrimônio cultural que remete à memória da cafeicultura e do caipira na região. A partir do processo de patrimonialização e refuncionalização turística, deu-se início a um processo de urbanização turística na cidade com vistas a adaptá-la ao recebimento de turistas, o que vem desencadeando na resignificação de suas materialidades e imaterialidades, agora, transformadas em produtos turísticos. Assim, a partir da análise do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga, foram feitos alguns apontamentos sobre a relação dialética entre a preservação do patrimônio cultural e a refuncionalização turística, visto que o desenvolvimento do turismo no lugar é pautado na patrimonialização do seu núcleo urbano.

Palavras-chave: Patrimonialização, Refuncionalização Turística, Produção do Espaço, São Luiz do Paraitinga.

Abstract

Based on a space reading, an analysis was performed in the tourist refuncionalization process, which has been going on in the inner city of São Luiz do Paraitinga, a small town located in Vale do Paraíba do Sul, São Paulo, which preserves a significant cultural heritage referring to the memory of coffee and rustic in the region. From the process of heritagisation and tourist refuncionalization, a tourist urbanization process was initiated in the city in order to adapt it to receive tourists, which has promoted there definition of their materiality and immaterialities, now turned in to tourist products. Thus, from the analysis of the cultural heritage of São Luiz do Paraitinga, some notes were made on the dialectical relationship between the preservation of cultural heritage and tourism refuncionalization, since the development of tourism in the place is based on the heritagisation of its urban core.

Keywords: Heritagisation, Tourist Refuncionalization, Production of Space, São Luiz do Paraitinga.

PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO: PROBLEMAS E HORIZONTES

Ao escrever e pesquisar sobre o patrimônio cultural brasileiro, logo de início se é levado a alguns questionamentos que a temática coloca. Como classificar um patrimônio cultural dentro dos espaços das cidades contemporâneas, sendo que o que é visto e tratado como patrimônio cultural são as práticas e interações socioespaciais

cotidianas. Esta questão se torna mais complexa, pois, com a valorização estética dos espaços das cidades (Harvey, 2006) e a sua rápida transformação em produtos voltados ao entretenimento na qual as formas espaciais, materiais e imateriais passaram a ser espetacularizadas, o que e como classificar um patrimônio cultural de uma cidade? Como pensar o patrimônio cultural por um viés espacial?

O patrimônio material é composto por um conjunto de bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais. Bens móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (Lemos, 1987). O patrimônio cultural imaterial, segundo a legislação brasileira (Decreto nº 3.551), é compreendido como

“(...) os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam” (Fonseca e Cavalcanti, p. 12, 2008).

Com a evolução da política patrimonial no Brasil, em 2006, o Iphan incorpora o caráter processual na definição de patrimônio imaterial, complementando com a Resolução nº 1, de 3 de agosto de 2006, incluindo

“as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social” (Fonseca e Cavalcanti, p.12, 2008).

O patrimônio cultural, material e imaterial é fundado nas práticas culturais. A cultura tem sua significação e a sua definição com base no jogo de relações sociais, relações estas que são sempre espacializadas, com isso, amparadas e baseadas em um território. Este repertório de relações irá atribuir características peculiares ao lugar, com um sistema de objetos e ações específicos compondo uma formação paisagística. Segundo Paes (2009, p.163),

“(...) interpretando desta maneira, o patrimônio não é só a expressão da sociedade, ele movimenta, aviva, põe em evidência as passagens, as vias de acesso entre o material e o simbólico, entre o sujeito e o seu meio, entre uma razão prática e uma razão simbólica. O patrimônio cultural torna-se um fato social”.

O patrimônio cultural em suas interações espaciais se trata de uma expressão espacial de uma determinada paisagem.

Partindo do patrimônio enquanto um fato social, um conjunto de práticas e técnicas pretéritas produzidas na dinâmica de evolução espacial, quais as consequências do desenvolvimento turístico para a preservação do patrimônio cultural, na medida

em que estes lugares terão de suas formas materiais e imateriais adaptadas para receber turistas? A partir do momento em que se inicia a refuncionalização turística², qual será o papel dos agentes turísticos na dinâmica de produção espacial destes lugares? O turismo é uma atividade que vai dar suporte para o desenvolvimento local e, ao mesmo tempo, para a preservação do patrimônio cultural?

Vislumbrando o turismo no processo de produção do espaço³, através de sua dinâmica de implantação e funcionamento pode-se considerar que é uma atividade que produz e consome espaço (Cruz, 2000), participando ativamente da produção espacial nos lugares turísticos. Assim, o desenvolvimento do turismo segue a lógica de reprodução do capital, apropriando dos lugares que serão refuncionalizados, transformando o próprio lugar na mercadoria a ser consumida. No turismo, o espaço é a mercadoria a ser consumida, porém, o espaço em si não é vendido, mas, sim, seus símbolos e signos, recaindo em uma apropriação simbólica do espaço.

Através de construções simbólicas no espaço turístico, são construídas imagens positivas destes lugares e o espaço é transformado em força de produção, na medida em que,

“o espaço geográfico turístico é constituído por um conjunto indissociável de objetos e ações, ou seja, sujeitos e idéias comunicados por formas e palavras. Estas, que não traduzem apenas a realidade, mas, através do poder de comunicação em agregar significados às palavras, elas (por si só!) fabricam imagens” (Castrogiovanni, 2010, p.185).

O setor turístico passa a ter um peso decisivo na produção do espaço nestes lugares, recaindo em um processo de estetização de suas formas e de consumo de suas funções.

Necessitando de atividades econômicas distintas para seu funcionamento pleno, o turismo é calcado em uma base material e uma base imaterial (símbolos e signos), dando origem, com isso, a novas espacialidades para receber o turista, o que muitas

2 Enfatiza-se que adotaremos o termo refuncionalização turística por considerá-lo mais adequado para uma abordagem geográfica do turismo, considerando que este processo está presente nas intervenções urbanas contemporâneas denominadas por revitalização, renovação, requalificação, restauração, enobrecimento, gentrification, dentre outros termos. Mesmo considerando seus diferentes usos, estes termos são geralmente utilizados como sinônimo de interferências materiais. Por se tratar de uma leitura espacial do turismo, optou-se pelo termo refuncionalização turística pois ocorrerão mudanças na esfera do simbólico, onde antigas materialidades passaram a desempenhar novas funções, que são dependentes, esteticamente, das materialidades pretéritas. O desenvolvimento do turismo pautado no patrimônio cultural altera as funções das antigas formas, agora voltadas ao entretenimento. A alteração mais significativa se dá no nível da paisagem, pois produz-se uma paisagem para o turismo.

3 O espaço geográfico é entendido nesta pesquisa enquanto um conjunto de materialidades e imaterialidades que compõem um sistema de objetos e um sistema de ações, onde, “(...) sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, do outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma” (Santos, 2002, p. 63).

vezes acontece a partir de políticas fragmentadas e desconectadas com a realidade destes lugares. Recai sobre estes lugares um processo de urbanização turística⁴ (Paes, 2000). As novas funções criadas pelo e para o turismo vão transformar os objetos, revalorizar o espaço e redimensionar o cotidiano do lugar, podendo colocar em

“colapso um sistema complexo e dinâmico que é a cidade (...) apropriada de maneira voraz pelo turismo, quando organizado por agentes afoitos, imediatistas e desinformados, que negligenciam a sociedade e os lugares” (Costa 2010, p.31).

Pensando o turismo no processo de produção espacial, a medida que ele produz e consome espaço, o turismo irá dar origem a lugares híbridos compostos pelos equipamentos turísticos, criando no mesmo espaço, na mesma cidade, espaços para os turistas e espaços para a população nativa. Em cidades em que o fluxo de turistas é sazonal- como é o caso de São Luiz do Paraitinga-, são produzidos espaços efêmeros e temporários, pois são criações que têm curta duração e dependem da visita para serem produzidos. Como aponta Cruz (2000),

“(...) para que o turismo possa acontecer, os territórios vão se ajustando as necessidades trazidas por essa prática social. Novos objetos e novas ações; objetos antigos e ações novas; novas paisagens, velhas e novas ações: essa é a lógica da organização socioespacial promovida pela prática do turismo” (p.21).

No caso analisado, por se tratar de uma pequena cidade, a atividade depende, essencialmente, da refuncionalização espacial para se efetivar, produzindo nestes espaços as condições ideais para sua realização. Em lugares em que são necessárias maiores intervenções urbanas para o recebimento de turistas, os interesses e objetivos relacionados à demanda turística passam a nortear o processo de produção espacial.

Diante do exposto a respeito das mudanças espaciais necessárias para o recebimento de turistas, dialeticamente, o processo de patrimonialização valoriza estes lugares e os coloca em destaque, lugares estes que, rapidamente, são tomadas de assalto pelos interesses do mercado turístico. Com as mudanças necessárias para a refuncionalização turística, descoladas das políticas e práticas de preservação, o patrimônio destes lugares passa a ficar sob o risco de descaracterização e transfor-

4 De acordo com Paes (2000, p. 108) “(...) a urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais. Algumas cidades chegam a definir toda sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer. (...) As regiões, as cidades, os lugares turísticos vestem-se de novas materialidades: galerias, shopping centers, edificações, condomínios fechados, infra-estrutura viária e uma infinidade de objetos e serviços especializados para o turismo”.

mação. Com isso, sustenta-se que a patrimonialização⁵ desencadeará em um processo de refuncionalização turística, onde a preservação das materialidades e das imaterialidades passa a ser submetida à lógica do mercado turístico.

Nesse aspecto, a abordagem central do referido texto está calcada no processo de produção espacial de São Luiz do Paraitinga em seu movimento histórico a partir das políticas desenvolvidas pelos órgãos de preservação e de desenvolvimento turístico, inseridas no processo de ressignificação da memória e de refuncionalização da paisagem. Assim, foi feita uma leitura crítica propositiva da gestão territorial de uma pequena cidade interiorana que está passando por um processo de refuncionalização turística ancorada no uso de seu conjunto arquitetônico e das suas práticas culturais, afirmando que a refuncionalização que está ocorrendo se dá no nível da paisagem, consolidada a partir da preservação de suas formas urbanas.

Partindo do binômio “preservação X refuncionalização turística”, dialeticamente, a partir do tombamento de um conjunto arquitetônico de uma pequena cidade, abriu-se caminho para o desenvolvimento das atividades do turismo por meio de ações público-privadas que estão sendo implementadas, principalmente, na área com a presença de bens tombados. Com isso, a preservação não se efetiva de fato e o processo de patrimonialização vem servindo mais para colocar em destaque os espaços que se tornarão turísticos, tendo como consequência direta a descaracterização das materialidades e das imaterialidades presentes no lugar.

O turismo é constantemente divulgado como uma atividade que pode gerar rendas para as comunidades nativas dos lugares turísticos e, ao mesmo tempo, auxiliar na preservação de seu patrimônio cultural, situação questionável na cidade, na medida em que a implantação do turismo vem exigindo intervenções nas materialidades destes lugares - como é caso das intervenções que foram realizadas na Praça Oswaldo Cruz a partir de 2003.

Para entender a relação dialética entre a preservação do patrimônio e a refunciona-

5 Entende-se como patrimonialização o ato de criar e institucionalizar o patrimônio cultural, seja este patrimônio material ou imaterial. O processo de patrimonialização tem seu início com o tombamento e a institucionalização deste patrimônio. A partir daí, essas formas e práticas passam a ser colocadas em evidência na dinâmica socioespacial destes lugares, passando a sofrer intervenções em suas estruturas formais e ritualísticas para em seguida, partir para o desenvolvimento das atividades do turismo e do entretenimento (Prado-Santos, 2015). A partir da análise da dinâmica espacial de um pequeno núcleo urbano, aponta-se que o processo de patrimonialização passa por três etapas. A primeira etapa consiste na institucionalização do patrimônio por meio do tombamento e da valorização do espaço construído, processo desencadeado pelo Estado. Na segunda etapa, estes espaços passam a sofrer intervenções materiais que visam adaptá-los e torná-los atrativos, numa ação também realizada pelo Estado. Finalmente na terceira etapa, ocorre a implantação das atividades do setor turístico e do entretenimento, colocando este patrimônio à mercê das demandas, valores e regulações do mercado. Destaca-se que o objetivo da patrimonialização é a preservação dos bens tombados, porém, com a ausência de uma política mais efetiva de preservação no Brasil, estas áreas passam a ser produzidas e reproduzidas sob os ditames mercadológicos, processo que coloca em risco a preservação do patrimônio e segrega as populações locais (Prado-Santos, 2015).

lização turística, foram analisadas as políticas e ações destinadas ao desenvolvimento turístico de São Luiz do Paraitinga, assim como a inserção e o uso do seu patrimônio cultural para tal propósito. A partir do caso de São Luiz, pondera-se que o processo de refuncionalização turística vem gerando alterações no sentido e na forma de seu patrimônio cultural, tendo como possíveis consequências, a perda de identificação da população para com estes novos espaços e práticas que foram criados para o turismo. Por meio de um processo de ressignificação e transformações simbólicas, tanto do ponto de vista material quanto imaterial, estes bens estão sendo como que recriados culturalmente e passaram a ser tratados enquanto um atrativo para o recebimento de turistas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Com o objetivo de dar suporte metodológico para entender a relação entre a preservação do patrimônio cultural e a refuncionalização turística, a pesquisa em questão foi baseada em autores da geografia crítica⁶ e na pesquisa empírica, ação necessária devido ao rigor da ciência. Para atingir os objetivos propostos para o tema analisado, a pesquisa foi construída a partir de cinco eixos que ordenaram o seu desenvolvimento. Os eixos norteadores da pesquisa são os seguintes: levantamento documental e bibliográfico, levantamento de dados primários e secundários, aplicação de entrevistas, leitura da situação espacial e redação final.

Com relação ao levantamento de dados primários, foram realizadas seguidas incursões de campo, onde foram feitos levantamentos de dados quantitativos e qualitativos sobre a situação do desenvolvimento turístico e da preservação do patrimônio cultural da cidade. Foram entrevistados agentes públicos e privados, turistas e a população em geral, buscando, a partir destes dados, realizar um contraponto entre as instâncias sociais e institucionais que atuam na cidade. Destaca-se que com relação aos dados estatísticos a respeito do turismo – devido à falta de uma coleta de dados mais sistemática na cidade com relação ao volume de visitantes recebidos ao longo do ano –, os números são aproximados a partir de dados disponíveis pelo poder público municipal. Devido à carência de dados estatísticos mais exatos, as entrevistas e depoimentos de pessoas que trabalham com o setor turístico na cidade foram fundamentais para sustentar as reflexões e apontamentos que foram feitos

6 Entre os autores da Geografia Crítica destacam-se: Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, David Harvey, Edward Soja, Ana Fani Alessandri Carlos, Maria Laura Silveira, Paulo César da Costa Gomes, Hildebert Isnard, Maria Encarnação Beltrão Spósito, dentre outros. Dentre os filósofos, antropólogos e sociólogos que auxiliam no desenvolvimento da leitura espacial, destacam-se: Henri Lefebvre, Manuel Castells, Mark Gottdiener, Jean Baudrillard, Michel Maffesoli, Karl Marx, Boaventura de Souza Santos, George Friedmann, Peter Burke, Antonio Augusto Arantes, Henri-Pierre Jeudy e José Ortega Y Gasset.

na pesquisa. Destaca-se que os dados qualitativos, em muitos momentos, refletem posicionamentos políticos, sociais e culturais dos entrevistados, assim como interesses econômicos, o que exige um cuidado acurado com relação às falas utilizadas.

Na execução das entrevistas quantitativas, foram aplicados 100 questionários aos visitantes que estiveram na cidade durante a Festa do Divino de 2013, tendo como meta principal auferir o conhecimento e o interesse dos visitantes em relação ao patrimônio cultural local. Num segundo momento, foram aplicados 200 questionários às pessoas da comunidade local, tendo como objetivo avaliar os desdobramentos da refuncionalização turística, assim como suas perspectivas para com o futuro da cidade. Os questionários aplicados aos turistas e à comunidade continham entrevistas fechadas, com as classes de respostas pré-definidas. Conjuntamente com os dados primários, foram utilizados dados secundários de pesquisas quantitativas realizadas pela prefeitura municipal em conjunto com pesquisadores do Departamento de Produção da UNESP/Guaratinguetá durante o Carnaval, dados estes que foram divulgados a partir de uma audiência pública na cidade.

A partir do cruzamento dos dados primários, secundários e o referencial teórico, foram realizadas as reflexões e apontamentos a respeito do tema proposto com a redação final da pesquisa. É importante apontar que por se tratar de uma pesquisa inédita, ela apresentou, ao longo de seu desenvolvimento, algumas limitações que são importantes de serem esclarecidas.

Primeiramente, é importante apontar que os conceitos e apontamentos teóricos utilizados são relativos a pesquisas realizadas em cidades médias e grandes, sendo necessária uma adequação conceitual para se pensar a produção do espaço em um pequeno núcleo urbano. Os processos de intervenções são semelhantes, mas as origens e resultados podem ser diferentes. Quanto aos dados estatísticos a respeito do turismo, é necessário certo cuidado visto que se trata de dados de difícil mensuração, sendo fundamental apontar a participação do pesquisador enquanto participante, pois atua no setor turístico local e, em muitos momentos, as situações foram vivenciadas pelo pesquisador *in loco*.

O TURISMO E O PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO LUIZ DO PARAÍTA: UM ESTUDO DE CASO

Sendo conhecida como uma cidade festeira, São Luiz do Paraitinga teve sua fundação oficial em 1769. Com o início da produção cafeeira no Vale do Paraíba em meados do século XIX, seus benefícios econômicos fizeram com que o núcleo ur-

bano tornasse maior, transformando-se em um importante centro urbano regional (Petrone, 1959). Após um período de intenso desenvolvimento socioeconômico nos séculos XIX e início do século XX, o município passou por pequenos surtos econômicos, como a extração de lenha na década de 1960 e a produção de leite nas décadas de 1970 e 1980, quando então a economia da cidade entrou em decadência, o que perdura até os dias atuais.

Com uma população de 10.726 habitantes (IBGE–2014) e uma economia inexpressiva, a estagnação econômica do município possibilitou a preservação de grande parte de suas práticas culturais e de um conjunto arquitetônico composto por edifícios dos séculos XIX e início do XX, representativos da fase áurea do café na economia paulista, período que marcou profundamente a organização espacial regional e deu origem a uma paisagem que hoje perfaz o patrimônio cultural do lugar. O conjunto arquitetônico local foi tombado em 1982 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT) e, em 2010, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ações que deram início ao processo de patrimonialização da cidade.

Com um rico patrimônio cultural, desde meados da década de 1990 a governança urbana local vem trabalhando para implantar e desenvolver o turismo no município, onde sobressai um turismo cultural apoiado na memória da cafeicultura e do caipira, expressa em sua paisagem urbana, fato institucionalizado com a elevação da cidade à condição de Estância Turística do Estado de São Paulo em 2002⁷. Dessa forma, suas paisagens atreladas ao conjunto arquitetônico tombado e as manifestações culturais tratam dos atrativos para o turismo (ver fotos 1 e 2).

É importante apontar que o turismo é visto como uma boa opção para impulsionar e dinamizar o desenvolvimento local, embora não deva ser tratado como a única solução. Com a divulgação massiva de que o turismo é uma boa saída para o desenvolvimento econômico das cidades - considerando o patrimônio cultural um dos mais importantes recursos a esse propósito-, questiona-se, neste trabalho, o fato de os interesses mercantis sobressaírem sobre os interesses sociais e preservacionistas nos projetos turísticos. Com o objetivo de desenvolver o turismo, estes lugares passam a sofrer alterações em sua organização espacial, onde o patrimônio cultural passa a ficar sob o risco de perder sua perenidade em prol de interesses

7 Em julho de 2002 a cidade foi classificada como Estância Turística do Estado de São Paulo, passando a receber uma verba anual oriunda do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias (DADE), órgão ligado a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Assim, deu-se início a um intenso processo de reforma dos equipamentos urbanos do município, principalmente os existentes no centro histórico. Atualmente, esta verba é liberada mediante a apresentação de projetos para a execução de obras de infraestrutura destinadas ao desenvolvimento turístico do Município.

econômicos, situação que transparece em São Luiz.

Após a elevação de São Luiz à condição de estância turística, grande parte de políticas urbanas e de preservação do conjunto arquitetônico que se dão na cidade passaram a gravitar em torno desta atividade e tudo passou a ser realizado para viabilizar o turismo. As mudanças que ocorrem, sobretudo, nas materialidades (reformas da Praça Oswaldo Cruz, reforma do Mercado Municipal, construção da Praça de eventos João Boy) são decorrentes de ações direcionadas ao recebimento de turistas⁸.

Foto 1 – Centro histórico de São Luiz do Paraitinga. Foto Carlos Murilo Prado Santos, 2013.



Foto 2 – Manifestações culturais de São Luiz do Paraitinga. Foto Hélio Parahytinga, 2013.



Alem das intervenções no centro urbano, o poder público local, em parceria com as agencias de turismo e da mídia regional e nacional, vem construindo uma imagem de cidade festeira, sendo rotineiramente divulgada como “a cidade das mil festas” a partir de reportagens em revistas especializadas do setor turístico⁹. Passou-se a divulgar a imagem de uma cidade bucólica, porém, com muitas festas e atrações

8 Após a transformação da cidade em Estância Turística deu-se início a um intenso processo de requalificação dos equipamentos urbanos do município, principalmente os existentes no centro histórico. Com os recursos obtidos a cidade foi transformada em um canteiro de obras; inicialmente foram realizadas, a reforma da Praça Oswaldo Cruz (projeto aprovado pelo Condephaat – Processo nº. 43.352/02 – em 18 de agosto de 2003. Verba de R\$ 349.664,05 [US\$156.100,02]), a reforma do Mercado Municipal (projeto aprovado pelo Condephaat – Processo nº. 44.395/02 – em 15 de setembro de 2003. Verba de R\$ 330.000,00 [US\$147.321,42]) e a reforma do calçamento das ruas do centro histórico e de seu entorno. Este processo de intervenção se encontra em aberto com a realização de mais obras de requalificação paisagística no centro histórico (Prado Santos, 2015).

9 Com o intuito de colocar a cidade no mercado turístico nacional a cidade foi descrita como “(...) a cidade das mil festas. Famosa pela Festa do Divino, São Luiz do Paraitinga preserva a cultura e natureza mesmo estando a apenas 170 quilômetros de São Paulo. Com dez exibições de danças folclóricas, procissões, novenas e até forró, os luizenses festejam o Divino Espírito Santo” (NUNES, Daniel Gonçalves. A cidade das mil festas. Os caminhos da Terra. São Paulo, a. 9, n. 7, Julho 2000).

culturais, ação que têm funcionado razoavelmente bem, pois o volume de turistas na cidade aumenta ano após ano nas festas mais famosas e de maior apelo cultural. Constrói-se uma paisagem e uma imagem atrativa para o turista, porém, uma imagem superficial, onde o que interessa de fato são os eventos e festas mais rentáveis. O foco principal para o desenvolvimento turístico local são suas festas profanas e religiosas como o Carnaval e a Festa do Divino Espírito Santo.

Com um intenso trabalho de marketing urbano, o fluxo de turistas aumentou substancialmente na cidade, porém, criou-se um fluxo turístico sazonal. Segundo estimativas da Prefeitura Municipal local e da Polícia Militar do Estado de São Paulo, no Carnaval de 2005, a cidade recebeu aproximadamente 10.000 visitantes por dia, para, no Carnaval de 2013, a visitação atingir aproximadamente 30.000 visitantes por dia.

De acordo com a assessoria de turismo municipal, em 2009, a cidade recebeu aproximadamente 450 mil visitantes durante o ano, sendo o movimento em 2013 de aproximadamente 300 mil visitantes, com destaque para a Festa do Divino com cerca de 80 mil visitantes durante os dez dias de festa e 150 mil visitantes durante os quatro dias de Carnaval. Enfatiza-se que os dados a respeito do movimento turístico na cidade são questionáveis, na medida em que se trata de estimativas da assessoria de turismo municipal, portanto, dados inviáveis de serem mesurados com exatidão quantitativa, pois os fluxos turísticos são incontroláveis, com momentos de pico e de esvaziamento durante o ano.

Devido à ausência de um planejamento turístico e de ações mais incisivas para a preservação do patrimônio cultural que ultrapassem os limites do tombamento, o aumento no fluxo de turistas nas festas mais movimentadas da cidade vem colocando em risco a preservação das práticas culturais e do conjunto arquitetônico. À medida que foi aumentando o volume de turistas, foram sendo feitas mudanças para receber cada vez mais turistas e o centro urbano passou a sofrer intervenções visando, com isso, adaptá-lo ao maior recebimento de visitantes. Em conjunto com a adaptação das materialidades, as manifestações artísticas passaram a ser espetacularizadas e também adaptadas para o entretenimento do visitante, com um impacto significativo nas manifestações que se dão durante o Carnaval, a Festa do Divino e o Festival de Marchinhas Carnavalescas.

O Poder Público, em conjunto com os agentes do setor turístico, passou a intervir de forma decisiva na organização das festas, principalmente, a do Carnaval e da Festa do Divino. Com as adaptações e reformas realizadas pelas ruas do centro histórico – onde algumas ruas e passagens foram fechadas -, as manifestações culturais que se materializam no centro histórico estão tendo que se readaptar às novas regras impostas pelo desenho urbano e pelos trajetos definidos e normatizados

pelo poder público. Inserido no processo de reconstrução da cidade, foi construída uma praça de eventos fora dos limites do centro histórico e as festas- mais movimentadas- estão sendo levadas, gradativamente, para a nova área. As festas estão fugindo do controle da população local, ficando as principais decisões a cargo do poder público.

A partir de 2011, a institucionalização do carnaval foi espacializada na cidade, sob a tutela dos órgãos de preservação, com a criação de um lugar específico para a realização da festa. Com o argumento de se preservar o conjunto arquitetônico, a festa foi deslocada para áreas periféricas a este centro. Devido ao grande volume de visitantes, a retirada das manifestações culturais do centro histórico, principalmente durante o carnaval, não diminuiu o fluxo de pessoas pela área tombada como almejam os órgãos de preservação e o poder público local. Tratando-se de uma área que fica totalmente ocupada durante os dias de festa. Em uma pesquisa realizada pela prefeitura local em parceria com a UNESP/Guaratinguetá em 2011, ao entrevistar 550 visitantes, foi auferido pelos pesquisadores que desse total de entrevistados, 106 (19,30%) turistas reclamaram da mudança no trajeto dos blocos e do local dos shows musicais (PMSLP/UNESP, 2011), mudança que também já é questionada pela população local.

José Roberto da Silva, 51 anos, luizense, Presidente da Associação Comercial de São Luiz do Paraitinga, questiona a retirada das atrações do centro da cidade durante o carnaval de forma pouco estudada, criando um esvaziamento do centro. Para o comerciante,

“o carnaval não tem mais condições de ser somente no centro da cidade, é uma massa de gente muito grande, se não fizer o carnaval fora do centro histórico ele se torna insuportável, só não pode deixar de ter eventos no centro também, não pode desvalorizar o centro histórico, uma parte da festa pode ser operada dentro do centro. A graça do município é o conjunto arquitetônico, por isso tem que fazer as festas sem abandonar o centro”.

Amarildo Ribeiro, 52 anos, artista plástico e músico local, também corrobora a visão de José Roberto, questionando a retirada do carnaval do centro histórico ao afirmar que a festa vem perdendo originalidade em função de um novo ambiente criado. Frederico Ozanan, 34 anos, artista plástico local, afirma que esta retirada só vem para ratificar a comercialização e a pasteurização da festa, pois,

“a tradição está se perdendo, esse circuito que foi criado é para o patrocinador ganhar dinheiro, você vê as barracas que vendem bebidas é tudo padronizado pela empresa que vem patrocinar, culturalmente esta acabando, é tudo muito comercial”.

Além da retirada das atrações do Carnaval do centro histórico, o grande volume de visitantes tem gerado alterações e descaracterizações nas práticas culturais que se manifestam nesta festividade. Caracterizado como um legítimo carnaval de rua, pautado na liberdade e na espontaneidade das pessoas, todos os blocos e atrações criados tinham autonomia com relação suas coreografias, rituais, fantasias e ao seu percurso pelas ruas do centro urbano local. A partir de 2002, o carnaval começou a ser institucionalizado, onde os blocos e as demais atrações passaram a ser submetidas a um cronograma institucional, previamente definido pelo poder público. À medida que vem crescendo o volume de visitantes, mais padronizada vem ficando a festa de carnaval.

No bojo deste processo de espetacularização da cultura local, o carnaval é sistematicamente transformada; uma mudança induzida pelo volume de visitantes e pelo poder público. Mudanças nos rituais e nas práticas culturais já ocorreram no carnaval da cidade, onde podem ser destacadas as seguintes alterações:

- Introdução de um grande caminhão, um protótipo de trio elétrico baiano para puxar os blocos pela cidade, um elemento estranho à realidade local. Com a introdução do caminhão, como as ruas do centro histórico são pequenas, os blocos passaram a seguir o trajeto realizado pelo veículo automotivo, tendo seus trajetos engessados.
- A diminuição na confecção e no uso de fantasias com temas do universo cultural da cidade, sendo que as mesmas estão sendo substituídas por camisetas padronizadas;
- Institucionalização dos trajetos e horários dos blocos que irão desfilar pela cidade, com a criação de uma agenda oficial fixa para os desfiles, com um número de blocos predefinidos, com horário e roteiro para o cortejo sair pelas ruas;
- Retirada dos shows musicais do centro histórico, da Praça Oswaldo Cruz e do Mercado Municipal, sendo deslocados para a praça de eventos João Boy e para a via de acesso João Roman.

Atrações e manifestações que se davam durante o carnaval estão perdendo sua espontaneidade. Já existe um movimento na cidade para isolar a área utilizada para o trajeto dos blocos e a partir daí, cobrar a entrada para a participação no cortejo. Discute-se, na cidade, a possibilidade da venda de “abadás” para a participação nos blocos carnavalescos, fato que aumentará a exclusão da população local. No carnaval de 2014, em função do tempo curto, não foram adotados os abadás e a cobrança de uma taxa para desfilar nos blocos¹⁰.

10 Alegando falta de recursos financeiros, em 2015, a prefeitura municipal tentou fazer a terceirização da festa de Carnaval para empresas do setor de entretenimento, fato que não foi consumado devido à ocorrência de problemas durante o processo licitatório.

A população local, percebendo que vem sendo segregada e perdendo espaço nas festas locais, já dá sinais de que as festas da cidade precisam ser reorganizadas, em especial o carnaval, visto que durante sua realização, afloram significativos problemas urbanos e sociais no lugar. Conforme dados levantados pela prefeitura municipal em parceria com a Engenharia de Produção da UNESP/Guaratinguetá, num total de 396 luizenses questionados sobre os problemas principais do carnaval¹¹, 80,4% afirmaram que o poder público deve tentar diminuir o volume de turistas na cidade (PMSLP/UNESP, 2009).

Para Pedro Moradei, 49 anos, presidente-fundador do Bloco do Caipira, a presença de um caminhão simulando um trio elétrico baiano é um dos fatores que demonstram que as festas estão mudando e são cada vez mais controladas pelo poder público, fato que está desencadeando na homogeneização e pasteurização da festa, na medida em que

“o carnaval está perdendo a espontaneidade, esse é o preço que pagamos pela fama do carnaval. O Poder Público entrou e assumiu de vez o carnaval, esse caminhão de som é um parâmetro para dizer o que foi o carnaval antes e o que é o carnaval hoje, depois desse caminhão do som, com o grande poder da prefeitura sobre o carnaval, os blocos ficaram sem saída. O carnaval de São Luiz é um carnaval que tem uma essência cultural que está se perdendo e o caminhão pode ser considerado um dos principais símbolos destas mudanças”, afirma Pedro.

O historiador Marcelo Henrique dos Santos Toledo, 50 anos, luizense, também questiona o processo de descaracterização das festas da cidade. Segundo Marcelo,

“o carnaval que tinha aqui degradaram, agora tem esse imenso caminhão circulando. (...) aí você entra pela questão da festa do Divino, uma festa que hoje fugiu do controle que era exclusivo do padre que legitima e do festeiro que tinha autonomia. Eu vi uma briga que teve aqui porque o assessor de cultura municipal, em 2009, queria que colocasse alguns elementos de fora na Festa do Divino e o festeiro foi contra”, afirma o historiador.

A Festa do Divino Espírito Santo de São Luiz está entre as festas religiosas mais antigas e tradicionais do Brasil, sendo celebrada na cidade há mais de duzentos anos. Segundo Santos (2008), a documentação mais antiga referente à realização da Festa do Divino na cidade remonta ao ano de 1803, num documento que

11 De acordo com dados mais detalhados da pesquisa realizada sobre o carnaval em 2009, 55% das pessoas afirmam que o carnaval tem um resultado negativo em função da sujeira, da bagunça e do desrespeito dos turistas com o morador local. Dos problemas, 23% apontou o uso das ruas e calçadas para urinar; 18% apontou da falta de água; 16% apontou o lixo e a sujeira nas ruas; 14% apontou o desrespeito de turistas com os moradores locais; 6% apontou o barulho; 4% apontou a dificuldade de chegar até em casa; 4% apontou a falta de energia elétrica; 3% apontou o excesso de comércio; 2% apontou os congestionamentos no trânsito; 2% apontou os estacionamentos em locais irregulares e 1% não respondeu (PMSLP/UNESP, 2009).

“cita-se nitidamente um local estabelecido para o Império e, de forma ainda mais clara, uma tradição das comemorações, pois, afinal, era um local onde se tinha o costume de festejar o Divino” (p.97).

Durante os dias de festa, ocorrerão os rituais litúrgicos da Igreja Católica como as missas, procissões, congadas, moçambiques e folias do Divino, mas também ocorrerão as manifestações de cunho profano como o pau de sebo, os bonecos gigantes, as barracas com comidas típicas, as apresentações de danças típicas e os shows musicais (geralmente, de viola caipira). Nos últimos anos, alegando custos elevados com a manutenção dos músicos e ajudantes, a Folia do Divino tem atuado somente durante os dez dias de festa. A Folia foi eliminada da produção dos festejos, tendo uma atuação cenográfica nos dez dias finais da festa. Uma tradição secular foi colocada em um plano secundário, fato que aumenta o risco de extinção das folias em São Luiz, situação muito próxima de ocorrer.

A Festa do Divino- também de grande volume de visitantes- passou por períodos em que sofreu alterações em suas práticas culturais com a introdução de elementos externos à realidade do lugar, porém, por se tratar de uma festa religiosa, os rituais litúrgicos são razoavelmente preservados, situação que pode variar de acordo com o comando da Igreja Católica no período. Mesmo com a preservação dos rituais litúrgicos, vem ocorrendo uma valorização estética das práticas culturais que se espacializam no lugar, e, na Festa do Divino, não é diferente.

Para o padre Celso Luiz Longo, 25 anos, luizense, está muito difícil segurar as mudanças e influências do turismo na Festa do Divino. Para atrair e agradecer os visitantes, práticas vão sendo inseridas e alterando a essência da celebração, pois,

“de dez anos para cá a festa está se transformando num grande circo, num grande espetáculo, vou dar um exemplo de dentro da igreja. Sempre houve o costume de abençoar sal na Festa do Divino, esse sal era levado para a casa pelos fiéis para ser colocado no saleiro da cozinha para temperar os alimentos, para dar banhos em doentes, o sal era um objeto sagrado. Com o aumento no volume de visitantes, começou-se oferecer lembrancinhas que fazem pouco sentido, objetos como Cd musicais, DVDs, canetas e outras bugigangas, uma coisa que não é autêntica”.

Com o grande interesse no desenvolvimento do turismo, as cidades estão tentando realçar suas formas culturais, muitas vezes, práticas cotidianas que passam a ser espetacularizadas para se tornarem palatáveis ao consumo do turista. As práticas culturais passam a ser carregadas de cores, luzes e sons para servir ao entretenimento e *“a cerimônia é, em grande parte, espetáculo. Porém, ela é, em quase sua totalidade, ultrapassada pelo divertimento”* (Almeida, 2012, p.159). São Luiz vem caminhando neste rumo, espetacularizando suas práticas culturais que passaram

a ser valorizadas e consideradas atrativas para o turista, escolhendo determinadas práticas em detrimento das práticas de menor apelo estético. Grande parte do que é atrativo na cidade, para o morador local, são práticas cotidianas e rotineiras.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Seguindo as tendências atuais que perfazem o binômio da preservação e da refuncionalização turística, o poder público local- em parceria com o setor turístico regional e nacional-, a partir de 2002, passou a forjar eventos e atrações culturais na cidade, criando festas e eventos que fazem pouco sentido para a população do lugar e tiveram uma duração efêmera¹². A lógica de patrimonialização global recaiu sobre São Luiz do Paraitinga, mas, por se tratar de uma cidade pequena, forjada no seio da cultura caipira, pode-se apontar certa resistência da população local com relação a algumas mudanças que estão sendo impostas.

As manifestações e práticas culturais vão se transformando e metamorfoseando-se ao longo dos anos e as práticas culturais assim como o espaço urbano de São Luiz do Paraitinga não fogem a regra. Quando as mudanças se dão espontaneamente, no bojo de evolução do processo histórico, as mudanças ganham perenidade e as práticas culturais são perpetuadas, como, por exemplo, os bonecos gigantes que são feitos na cidade desde o final do século XVIII. A confecção dos bonecos passou por mudanças nos materiais e técnicas utilizados, porém, foram preservadas as mesmas características estéticas e cênicas e a sua evolução gerou melhoras na qualidade e na criatividade dos artesãos locais. A mudança técnica ocorreu, porém, a tradição foi preservada.

Por outro lado, quando as mudanças são influenciadas e definidas por vetores externos ao lugar, fato explicitado no carnaval, esta evolução pode desencadear em mudanças efêmeras e fugazes, com a consequência na perda da perenidade e na descaracterização das práticas culturais com a introdução de elementos estranhos que fazem pouco sentido à cultura local.

Apesar da importância enquanto fonte documental e atrativo para o turismo, conservando uma série de práticas culturais que representa um modo de vida da região do Vale do Paraíba - devido à falta de ações mais efetivas para sua preservação-, as práticas culturais de São Luiz do Paraitinga estão desaparecendo ou sendo alteradas por interesses mercadológicos. Entre os problemas elencados para a preservação

12 Entre os eventos forjados que foram bem recebidos pela população local destaca-se a criação de um festival de músicas juninas, que vem sendo realizado desde 1996 e hoje já está incorporado no calendário de festas local, fato que não aconteceu com outros eventos.

das práticas culturais, destacam-se a falta de apoio às referências culturais, as políticas fragmentadas e pouco articuladas desenvolvidas pelo poder público- associadas às mudanças que vêm se dando na zona rural com a concentração fundiária e a introdução da monocultura do eucalipto na região.

Grande parte das manifestações culturais corre sérios riscos de desaparecer na cidade, visto que poucos grupos folclóricos e culturais têm uma prática mais consistente. A título de exemplo, atualmente, existem 3 grupos de Moçambique, 1 grupo de Congada, 3 grupos de Folia de Reis, 1 grupo de Cavahada, 1 grupo de Danças Tradicionais, com destaque para a Dança de Fitas e a Corporação Musical de São Luiz de Tolosa. Estes grupos culturais vivem de doações da própria comunidade, esporadicamente recebendo ajudas do poder público.

Da mesma forma que o estado de preservação do patrimônio material é precário, a preservação do imaterial também não possui uma ação política definida, sendo pautada em ações pontuais e fragmentadas em momentos de crises. O Condephaat pouco se preocupou com o dado imaterial, pois apenas tombou o conjunto arquitetônico- prática que, por enquanto, não apresentou uma mudança com o Iphan, que também tombou apenas o conjunto arquitetônico. Porém, é de se destacar que o Iphan começa a desenvolver algumas ações para a preservação do imaterial na cidade e, quem sabe, no futuro, cancelar o patrimônio imaterial.

Dentre os projetos desenvolvidos na cidade, o Iphan viabilizou a realização do Inventário de Referências Culturais de São Luiz do Paraitinga, trabalho realizado pela empresa Memórias Assessorias e Projetos, estudo já concluído e entregue para Prefeitura Municipal em junho de 2012¹³. A partir do Iphan, a cidade foi inserida no Programa de Apoio e Folguedos do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), projeto voltado à preservação das congadas e moçambiques brasileiros. Sob a orientação do Iphan, em 2013, o conselho municipal de patrimônio local já realizou o tombamento de bens imateriais como o Canto de Brão¹⁴ e a Cavahada de São Pedro de Catuçaba¹⁵.

Dentre as ações desenvolvidas pela prefeitura municipal, podem ser citadas a

13 Inventário Nacional de Referências Culturais do patrimônio imaterial financiado pelo IPHAN, com um custo de R\$ 78.900,00 (Ascom/Iphan-SP-2013)

14 Lei 10.652 de 29 de novembro de 2013 – Dispõe sobre o tombamento imaterial do Canto de Brão e dá outras providências. O Canto de Brão se trata de cantigas entoadas quando ocorre a realização de um mutirão para a execução de alguma tarefa na zona rural. Cantado em duplas, as cantigas são feitas por uma linguagem improvisada e cheia de metáforas, onde é cantado um enigma que deve ser decifrado ao longo do dia de trabalho. É uma espécie de jogo cantado de adivinhação.

15 Lei 1059 de 13 de dezembro de 2002 – Dispõe sobre o tombamento da Cavahada de São Pedro de Catuçaba e dá outras providências. A Cavahada já tinha sido tombada pela Câmara Municipal em 2002, sendo ratificado pelo conselho municipal recentemente. Lei 1059 de 13 de dezembro de 2002 – Dispõe sobre o tombamento da Cavahada de São Pedro de Catuçaba e dá outras providências.

criação do conselho municipal de patrimônio e o tombamento de duas práticas da cultura local: o canto de brão e a cavalhada. Do ponto de vista legal, a cidade está bem servida, tendo sido criado um conjunto de leis e decretos que servem para a preservação do patrimônio local, porém, como em muitas cidades brasileiras, as leis sequer são conhecidas pela população.

Com o aumento no volume de visitação na cidade e a possibilidade das práticas culturais serem vendidas e consumidas pelo turista, a cultura do lugar adquiriu um novo sentido perante a sociedade. Destarte, o que está imperando nesta transformação é o paradigma do consumo em detrimento dos hábitos e costumes do povo local. A prática cultural enquanto memória e base da identidade está perdendo espaço para o entretenimento.

Mesmo admitindo a natureza dinâmica da cultura, é importante salientar que a refuncionalização turística contemporânea do patrimônio vem se sobrepondo aos modos de vida do lugar, aos calendários festivos, aos rituais e a vida no campo. Ao impor verticalmente uma nova função às práticas culturais, o poder público vem sendo um vetor que está acelerando a descaracterização da cultura, desvirtuando-a em função de resultados econômicos de curto prazo. O patrimônio cultural está ficando à mercê do tempo do entretenimento.

A descaracterização das práticas culturais denota que as ações de preservação foram fragmentadas e ficaram restritas aos bens materiais, ao arquitetônico, processo que deixou o imaterial num plano secundário. Com a patrimonialização e a refuncionalização turística, as práticas culturais selecionadas estão sendo espetacularizadas em seus rituais e encenações, e, pode-se confirmar que o tombamento somente do conjunto arquitetônico é uma medida questionável de preservação já que abriu caminho para a turistificação e colocou o imaterial em risco de desaparecimento.

Seguindo a política patrimonial vigente no Brasil desde suas origens, pautada na valorização estética do patrimônio cultural, São Luiz do Paraitinga teve seu patrimônio tombado e passou a enfrentar todos os dilemas decorrentes da patrimonialização. A preservação enquanto prática da cidadania ficou relegada ao plano secundário, predominando uma visão mercadológica no momento de definir a preservação e a refuncionalização do patrimônio preservado. O desenvolvimento de um turismo sem estudos e análises prévias a respeito das potencialidades e problemas posteriores tem se mostrado que mais dificulta do que favorece a preservação do patrimônio cultural.

A apropriação das manifestações culturais para o turismo ficou evidenciada, pois, devido ao grande volume de turistas, a comunidade local vem sendo segregada dentro de seus próprios espaços de uso cotidiano e tem participado cada vez me-

nos como protagonista desta festa. Cada vez menos o luizense participa dos blocos carnavalescos, pois a população local tem ficado nas janelas e nas sacadas de suas casas e o grande consumo de bebidas alcoólicas e drogas na cidade vêm gerando momentos de atritos exacerbados entre os participantes das festas. O morador local pouco se reconhece a partir do carnaval da cidade, agora, um atrativo turístico que evidencia os rumos adotados para a cidade, ou seja, a valorização estética de sua cultura e de sua arquitetura em detrimento da preservação do patrimônio cultural enquanto suporte para a construção da identidade e da memória do lugar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria. G. de. Sentidos das festas no território patrimonial e turístico. In: BRUSADIN, L. B.; COSTA, E. B. da; PIRES, M. do C (Orgs.). Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

CASTROGIOVANNI, Antonio. C. O lugar da Geografia no Entre-Lugar do espaço turístico – Uma viagem complexa que ainda continua. In: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E. B. C. de (Orgs.) Teorias e Práticas Territoriais: análises espaço-temporais. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

COSTA, Everaldo. B. da. A Concretude do Fenômeno Turismo e as Cidades-Patrimônio-Mercadoria. Uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

CRUZ, Rita. Turismo, Território e o Mito do Desenvolvimento. Espaço e Geografia. Brasília: UNB, vol. 3, nº 1, jan.-jun. 2000.

FONSECA, Maria C. L.; CAVALCANTI, Maria L. V. de C. Patrimônio Imaterial no Brasil. Legislação e Políticas Estaduais. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

HARVEY, David. A Produção Capitalista do Espaço. 2º ed., São Paulo: AnnaBlume, 2006.

LEMOS, Antonio Carlos. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PAES, Maria T. D. Patrimônio Cultural, Turismo e Identidades Territoriais. In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztin, I. Turismo de Base Comunitária. Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Brasília: Ministério do Turismo, 2009.

_____. Urbanização Turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: Serrano, Célia; Brunhs, H.; Paes-Luchiari, M. T. D. (orgs.). Olhares contemporâneos sobre o turismo. Campinas/SP: Papirus, pp.105-130, 2000.

PETRONE, Pasquale. A região de São Luiz do Paraitinga. Revista Brasileira de Geografia. v. 1, n. 3, p. 3-99, 1959.

PRADO SANTOS. C. M.. A modernização do passado: a reconstrução e a refuncionalização do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga. TESE DE DOUTORADO. São Paulo: FFLCH/DG/USP, 2015.

Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga; Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pesquisa de Opinião Carnaval 2011 São Luiz do Paraitinga. Guaratinguetá/São Luiz do Paraitinga: 2011.

Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga; Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pesquisa sobre o perfil do visitante de São Luiz do Paraitinga – Carnaval 2009. Guaratinguetá/São Luiz do Paraitinga: 2009.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica, Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Rafael C. C. dos. A Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em História – FFLCH – USP). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SÍTIOS CONSULTADOS

IBGE – www.ibge.gov.br (acesso em 26/09/2014)

IPHAN – www.iphan.gov.br/ (acesso em 10/09/2014)

PMSLP – www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br (acesso em 10/10/2014)